

Crianças de Atenas: o potencial de investigação dos contextos funerários clássicos

Paula Falcão Argôlo*

ARGÔLO, P.F. Crianças de Atenas: o potencial de investigação dos contextos funerários clássicos. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, Suplemento 11: 95-100, 2011.

Resumo: Durante o período clássico, os contextos funerários áticos abrigaram um vasto conjunto de evidências materiais, visuais e escritas associadas à criança e à infância, temas que permaneceram inexplorados pela Arqueologia até que recentes estudos arqueológicos e bioarqueológicos começassem a delimitar uma nova subespecialidade de pesquisa. Neste artigo, centrado na discussão dos enterramentos de crianças, apresentam-se considerações preliminares sobre padrões de uso do espaço e algumas cautelas metodológicas essenciais à abordagem adequada deste material.

Palavras-chave: Crianças – Contextos funerários – Atenas clássica.

Este artigo apresenta breves considerações sobre evidências materiais dos enterramentos de crianças nos contextos funerários áticos, enfocando alguns padrões de distribuição espacial de tais tumbas.¹ Compreendendo o território da Ática entre a segunda metade do século V a.C. e o final do século IV a.C., a discussão se baseia em dados oriundos do material escavado em necrópoles urbanas do dêmo ateniense, as quais, juntamente com as do dêmo de Ramnonte (norte da Ática), constituem as necrópoles mais abundantemente documentadas em volume e grau de contextualização do material.²

A ênfase no século IV deve-se à sua relevância histórica e historiográfica, como um período de transformações na vida política, social e cultural de Atenas que justificam seu contínuo estudo. Recentemente revisitados, os 50 anos transcorridos entre 430-380 foram tidos como os de uma importante “revolução cultural”, nos quais virtualmente todos os aspectos da cultura ateniense – teatro, filosofia, pintura vascular ou escultura, direito e política – sofreram profundas modificações (Osborne 2007: 1-27). Inserida no quadro mais amplo de transformações do século IV, a abordagem dos contextos funerários pode produzir novos dados, suscitar questões e, deste modo, enriquecer ainda mais a compreensão de

(*) Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. Doutoranda em Arqueologia. <pfalcao@usp.br>

(1) Trata-se de considerações preliminares sobre o tema da infância na Grécia clássica, desenvolvido em nossa pesquisa de doutorado pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, sob orientação da Prof.ª Dr.ª Maria Beatriz B. Florenzano.

(2) Todas as datas mencionadas neste artigo referem-

se ao período antes de Cristo, exceto aquelas por nós especificadas. No âmbito mais amplo da pesquisa, adotamos uma perspectiva regional de abordagem, considerando também necrópoles de sítios das porções setentrional, central e meridional da Ática.

um período cuja análise está geralmente atrelada aos efeitos da Guerra do Peloponeso e seus desdobramentos políticos. Como observa Osborne (2007: 1-2, 6-7), não podemos desconsiderar a possibilidade de estarmos diante de um processo mais coordenado de mudanças que, no entanto, ainda não conseguimos explicar.

Abrigando as ações rituais próprias das atividades funerárias e, em sua dimensão agentiva, atuando como arena de construção de diversas identidades sociais, os contextos funerários passaram por diversas transformações até o final do período clássico. No concerne ao objeto deste artigo, tais mudanças envolveram tanto a deposição dos corpos de bebês e crianças quanto as representações dos mesmos nos registros material, iconográfico e epigráfico.

O estudo dos vestígios humanos associados e dos acompanhamentos funerários associados revelam notável cuidado com a deposição do corpo e de toda a tralha funerária (Houby-Nielsen 1995: 149). Tal cuidado demonstrado no ato de sepultar era voltado, sobretudo, aos enterramentos de bebês, numa atitude que contrasta radicalmente com o silêncio quase absoluto da arte e da literatura gregas em relação à mortalidade de bebês e crianças. Variações nas formas de deposição do corpo e na tipologia dos acompanhamentos funerários permitem que se verifique a diferenciação entre bebês (0-1 ano) e crianças pequenas, estas subdivididas em duas categorias: crianças entre 1 e 3-4 anos e crianças entre 3-4 e 8-10 anos. Os sepultamentos de adolescentes e adultos, por sua vez, eram indiferenciados (Houby-Nielsen 2000: 152). Muito embora em períodos anteriores da história grega os enterramentos já expressassem uma preocupação em definir grupos etários, tal diferenciação se aprofundou significativamente no período clássico.

As centenas de inumações de crianças escavadas nas necrópoles atenienses extramuros revelaram que por volta de 500 observa-se, pela primeira vez, uma verdadeira formalização dos sepultamentos de crianças menores (entre 1 e 3-4 anos),³ inumadas majoritariamente em

vasos de terracota provenientes de contexto doméstico. Durante o século V e boa parte do IV, esta foi uma modalidade de enterramento comumente utilizada para a inumação de crianças pequenas (Houby-Nielsen 2000: 153). Ânforas para armazenamento de vinho, por exemplo, abrigavam enterramentos de recém-nascidos quando reutilizadas em contexto funerário (Knigge 1991: 37). As crianças maiores (entre 3-4 e 8-10 anos), por sua vez, tinham seus corpos depositados em sarcófagos de pedra e, mais frequentemente, em *larnakes*, pequenos esquifes de argila em formato retangular ou ovalado (Fig. 1). Tais enterramentos em *larnakes* tornaram-se ainda mais comuns a partir de 425. Outra modalidade de inumação compreendia a deposição do corpo em covas simples recobertas por telhas de terracota ou por dutos de argila – os mesmos empregados na construção de redes subterrâneas de abastecimento de água. Contudo, esse tipo de deposição se tornou cada vez menos usual à medida que os enterramentos infantis foram se escasseando no final do século V (Morris 1992: 141). Na comparação quantitativa com as inumações, as cremações constituíram uma



Fig. 1. Inumação de criança em *larnax*, séc. V a.C. *Kerameikós*, Colina Sul (Kübler 1976, prancha 12, fig. 4).

(3) Neste artigo, empregamos o termo *subadulto* tal como Halcrow & Tayles (2011), considerando apenas a idade biológica para se referir genericamente a bebês e crianças.

prática mais rara durante quase todo o século V. A partir de 425, no entanto, o aumento da quantidade de cremações é outra importante mudança no gesto funerário relacionada aos sepultamentos de subadultos (Morris 1992: 140-41, Houby-Nielsen 2000: 153), cujas cinzas, recolhidas nas cremações primárias ou secundárias, eram transferidas para a urna, em geral depositada diretamente em cova simples e, não raro, protegida por uma caixa ou sinalizada por marcador de tumba.

Além de permitir a identificação ou estimativas de sexo e idade biológica da população enterrada – ambas informações fundamentais no estudo de comportamentos culturais importantes, como a construção de identidades sociais a partir do tratamento diferencial dos sepultamentos de subadultos –, as análises baseadas nos dados bioarqueológicos têm fornecido bons subsídios para a reconstituição dos padrões de distribuição espacial dos sepultamentos. No caso ateniense, a dinâmica de uso do espaço relacionada aos enterramentos de subadultos marcou significativamente a geografia das diversas necrópoles extramuros de Temístocles, podendo ser descrita numa curta síntese cronológica.

Pequenas aglomerações de subadultos vinham se constituindo desde o período inicial da formação da pólis nas necrópoles extramuros de diversos portões da cidade. No século V, um aumento repentino e generalizado resultou em verdadeiros *cemitérios de crianças* (Houby-Nielsen 2000: 157-59). As centenas de tumbas de bebês e crianças pequenas escavadas apontam para um verdadeiro *boom* das necrópoles infantis, distribuídas de O a L do muro de Temístocles. Nesse período, três dos principais portões de Atenas funcionavam nitidamente como centros de enterramentos de subadultos: eles chegaram a representar 50% da população enterrada no *Kerameikós* e cerca de 100% em certos setores dos cemitérios do portão Sagrado, do portão Érian e do muro L (Houby-Nielsen 2000: 159). Em geral, não se verifica variabilidade espacial em função da idade; indivíduos de todos os grupos etários compreendidos na categoria subadultos eram enterrados em sepultamentos individuais nos grandes aglomerados de tumbas infantis concentrados nas áreas da Colina Meridional e do *Mound G* (Fig. 2).

O advento do século IV marca uma inflexão na curva de frequência dos sepultamentos de subadultos, em ascensão ininterrupta desde



Fig. 2. Sepultamentos de crianças e adultos na necrópole do Ierá Pýle, *Kerameikós*, século V a.C. (Houby-Nielsen 2000: 137).

o século VIII. De aproximadamente 400 em diante, ela sofreu um decréscimo vertiginoso que se prolongou pelo século III. Um processo de esvaziamento da população infantil instalou-se em todas as necrópoles atenienses. Na área do portão *Diochares*, por exemplo, o abandono foi abrupto e quase absoluto. Simultaneamente ao *desaparecimento* dos sepultamentos de subadultos e à virtual desativação dos cemitérios infantis, observa-se outro fenômeno interessante na cultura material: bebês e crianças continuam contemplados nos relevos figurados dos monumentos funerários e na epigrafia funerária. As representações desses indivíduos, em imagens, inscrições e versos, parecem indicar que, ao menos acima da terra, bebês e crianças, continuavam sendo foco de atenção (Stears 2000: 41, Grossman 2007: 309-10) (Fig. 3).

Todo esse quadro suscita, pois, algumas importantes indagações. O que teria acontecido com os enterramentos de subadultos? Que fatores teriam motivado o fenômeno de esvaziamento das necrópoles infantis? Onde e como os pequenos indivíduos passaram a ser enterrados? Em que medida tais mudanças podem estar relacionadas a transformações nos gestos funerários das famílias ou a uma nova sensibilidade social diante dos subadultos? Neste último caso, que peso poderíamos atribuir, de fato, à Guerra do Peloponeso ou às devastadoras consequências demográficas da praga de Atenas, uma vez que, segundo indicam as evidências funerárias, os subadultos continuaram recebendo cuidadosos sepultamentos formais nas últimas três décadas do século V e não há evidências de sepultamentos coletivos de bebês e crianças no período?

A principal interpretação para esse processo sugere que a mudança repentina no perfil de enterramentos de crianças no século IV estivesse relacionada ao declínio de uma ideologia política num contexto em que se estabelecia uma nova relação entre crianças, sociedade e a família nuclear (Houby-Nielsen 2000: 163). Contudo, este argumento não apenas deixa de esclarecer de que modo a dinâmica do registro arqueológico produz esse novo contexto relacional, como parece fundamentado na clássica dicotomia entre ideologias pública/privada construída a partir de evidências textuais. Recentes pesquisas arqueológicas vêm demonstrando que este não é o caminho mais indicado para se pensar os



Fig. 3. Estela funerária com inscrição na arquitrave e epigrama no pedimento. Kerameikós, 375-350 a.C. (Museu Nacional de Atenas, Inv. 3696).

processos de inserção das famílias nos espaços funerários (Closterman 1999). Quando se considera a trajetória das mudanças espaciais numa necrópole como o *Kerameikós*, juntamente com a trajetória de unidades de enterramento familiar, como os *periboloi*, as evidências apontam mais na direção do parentesco como critério central de organização desse contexto e remetem apenas de modo mais periférico a possíveis tensões entre as esferas pública e privada ou a motivações socioeconômicas como exibição de

riqueza, disputas de prestígio e de hierarquias, muito enfatizadas por alguns autores.⁴ Com efeito, as necrópoles atenienses, que já no século V eram utilizadas como espaços de construção da identidade e da história de famílias nucleares, tornam-se possivelmente as principais arenas de expressão do parentesco no século IV (Closterman 1999: 295-6, Humphreys 1993: 104-11).

Pretender elucidar toda essa complexa situação de espacialidade, visualidade e materialidade dos subadultos demanda algumas cautelas metodológicas. Primeiro, é importante maior controle na combinação de textos e evidências arqueológicas, evitando-se assim o risco de interpretações que limitem a ampla compreensão das dinâmicas sociais. Tal como D. Small (1999), acreditamos que tem sido este o caso de algumas abordagens do *Kerameikós*. Como em outras análises em arqueologia clássica, elas se voltam para o registro arqueológico com a expectativa de que este “forneça um

contexto dinâmico para os modelos explicativos previamente gerados a partir de reconstruções textuais” postura que resulta em “perdas importantes de estruturas e pistas subjacentes às estratégias sociais contidas em diferentes contextos da comunidade” (Small 1999: 122-3). Um segundo aspecto fundamental refere-se a uma dupla necessidade: a de produzir leituras efetivamente contextuais, capazes de recuperar e integrar o máximo de associações possíveis entre os dados bioarqueológicos, espaciais, epigráficos e iconográficos e a de examinar com maior precisão os processos de formação desses complexos depósitos mortuários (Weiss-Krejci 2011: 68-80). Trata-se, em suma, de consolidar na arqueologia clássica uma perspectiva amplamente defendida por importantes estudiosos do campo, estejam ou não pensando os contextos funerários (entre os quais Closterman 1999, Oliver 2000, Whitley 2001, Patterson 2006). Procedimentos e cautelas como essas poderão sedimentar uma base mais sólida para investigações de maior alcance, como a das possíveis relações entre o conjunto de mudanças nos contextos funerários e as transformações estruturais na sociedade ateniense do século IV.

(4) Para o principal exemplo desta perspectiva, ver Morris 1992 e 1994.

ARGÔLO, PF. Children of Athens: the inquiry potential of classical funerary contexts. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, Suplemento 11: 95-100, 2011.

Abstract: During classical period, Attic funerary contexts gathered a wide range of material, visual and written evidence related to children and childhood, subjects which not until very recently began to be perceived as deserving archaeological concern. Recent studies in archaeology and bioarchaeology have been offering a strong contribution to the outline of a new research subspecialty. Focused on discussion of the child burials, this short article aims at introducing preliminary data on land-use pattern, pointing out some methodological precautions regarding the approach of such class of evidence.

Keywords: Child burials – Funerary contexts – Classical Athens.

Referências bibliográficas

- CLOSTERMAN, W.E.
1999 The self-presentation of the family: the function of classical attic peribolos tombs. Tese de doutorado. Ann Arbor: Johns Hopkins University.
- GROSSMAN, J.
2007 An investigation of the depictions of children on classical attic funerary monuments. *Constructions of childhood in ancient Greece and Italy (Hesperia Supplement, 41)*: 309-22.
- HALCROW, S.; TAYLES, N.
2011 The bioarchaeological investigation of children and childhood. In: Agarwal, S.; Glencross, B. (Eds.) *Social Bioarchaeology*. Oxford; Malden, Blackwell: 333-60.
- HOUBY-NIELSEN, S.
1995 'Burial language' in archaic and classical Kerameikos. *Proceedings of the Danish Institute at Athens, 1*: 131-91.
2000 Child burials in ancient Athens. In: Derevensky, J. (Ed.) *Children and material culture*. London; New York, Routledge: 151-66.
- HUMPHREYS, S.C.
1993 *The family, women and death*. Ann Arbor: University of Michigan Press.
- KNIGGE, U.
1991 *The Athenian Kerameikos*. Athens: Krene.
- KÜBLER, K.
1976 *Kerameikos IX*. Berlin: Walter de Gruyter.
- KURTZ, D.C.; BOARDMAN, J.
1971 *Greek burial customs*. London: Thames and Hudson.
- MORRIS, I.
1992 *Death-ritual and social structure in classical antiquity*. Cambridge: Cambridge University Press.
1994 Everyman's grave. In: Boegehold, A.; Scafuro, A. (Eds.) *Athenian identity and civic ideology*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press.
- OLIVER, G.
2000 An introduction to the epigraphy of death: funerary inscriptions as evidence. *The epigraphy of death*. Liverpool, University Press: 1-23.
- OSBORNE, R.
2007 Tracing cultural revolution in classical Athens. In: *Debating the Athenian cultural revolution*. Cambridge, Cambridge University Press: 1-27.
- PARLAMA, L.; STAMPOLIDES, N.C. (Eds.)
2000 *Athens: the city beneath the city*. Athens: N.P. Goulandris Foundation Museum of Cycladic Art.
- PATTERSON, C.
2006 'Citizen cemeteries' in classical Athens? *Classical Quarterly, 56 (1)*: 48-56.
- SMALL, D.
1999 The tyranny of the text: lost social strategies in current historical period archaeology in the classical Mediterranean. In: Funari, P.P.A.; Hall, J.; Jones, S. (Eds.) *Methods in the Mediterranean*. London; New York, Routledge: 122-36.
- STEARNS, K.
2000 The times they are a'changing: developments in fifth century funerary sculpture. In: Oliver, G. (Ed.) *The epigraphy of death*. Liverpool, University Press: 25-58.
- WEISS-KREJCI, E.
2011 The formation of mortuary deposits. In: Agarwal, S.; Glencross, B. (Eds.) *Social Bioarchaeology*. Oxford; Malden, Blackwell: 68-106.
- WHITLEY, J.
2001 *The archaeology of ancient Greece*. Cambridge, Cambridge University Press.